17/12/27
Jornal do Brasil
p. 11

SBH
D4/21 ex21
(1/2)

Prudente de Moraes, neto

Barbosa Lima Sobrinho

HOMENS de imprensa, jornalistas toda a vida, nem por isso começou cedo o nosso relacionamento. Prudente de Moraes, neto trabalhava então no *Diário Carioca*, de onde passaria para o *Diário de Notícias*, quando eu começava a ser dispensado de frequência na redação do JORNAL DO BRASIL. É provável que nos tenhamos encontrado na Assembléia Constituinte de 1946, quando ele acompanhava de perto o trabalho da elaboração da Carta, que iria estruturar o estado de direito, mercê das vitórias dos pracinhas, nos campos de batalha da Itália, derrotando o fascismo e o nazismo. Não acompanhei a Prudente de Moraes no movimento modernista, de que ele se tornou um bravo combatente, e eu sempre desconfiei de programas de qualquer natureza, mesmo de renovação literária, pelo temor de que não passassem de intenções. Mas devo à Associação Brasileira de Imprensa o privilégio de maior aproximação com Prudente de Moraes, quando ambos pertencíamos ao seu Conselho Administrativo. Posso dizer que foi aí que pude conhecer, como numa revelação, a extraordinária criatura humana, que era esse jornalista despretensioso e cordial.

A Associação Brasileira de Imprensa pratica uma espécie de regime parlamentar. Tem uma diretoria executiva que é, na substancia, uma delegação do Conselho Administrativo, que a elege e ao qual ela presta contas em relatórios mensais, sujeitos a discussão e votação nas reuniões do Conselho. Daí a existência, entre Diretoria e Conselho, de um espírito de cooperação, em face de todos os problemas que envolvem a entidade representativa dos jornalistas brasileiros. Como presidente desse Conselho, ia acompanhando de perto a ação de Prudente de Moraes, quando o elegemos presidente da diretoria da casa, num momento de tantas dificuldades para o exercício de uma profissão, que tem como um de seus pressupostos essenciais a condenação dos atestados ideológicos, quando a entidade da classe deve cumprir, com exatidão e vigilancia, os deveres de assistência e defesa da profissão. E posso, por isso, testemunhar que Prudente de Moraes, na presidência da ABI, foi um grande e memorável exemplo de práticas democráticas.

Na verdade, sabia ouvir com simpatia as opiniões de seus companheiros do jornalismo. Confesso que não admiro os que insistem muito no louvor da democracia. Prefiro os que a sabem cumprir até mesmo porque é mais fácil louvá-la do que praticá-la. Tinha sempre presente aquele provérbio, que dizia que a melhor maneira de conhecer o vilão era pôr-lhe o cargo na mão. Embora me parecesse exagerado o termo endossaria o provérbio desde que substituísse o **vilão** pelo **democrata**. Os cargos, muito mais do que as apologias, é que revelam realmente o culto e o respeito pela democracia. O ditador incubado é aquele que se irrita com a menor contestação, ou até mesmo com uma simples advertência, o que o leva a repudiar colaboração que não comece como apologia. Já o verdadeiro democrata sabe o que pode esperar da contribuição alheia, para o aperfeiçoamento das decisões. E foi pela sua atuação na presidência da Associação Brasileira de Imprensa que podemos conhecer quanto era profundo e sincero o culto de Prudente de Moraes pela democracia. E' provável até que estimulasse as manifestações de divergência como oportunidade para estudar melhor as questões que devia decidir. O que lhe dava condições para ouvir ponderações com uma total deferência, livre da relutancia e das prevenções, que o amor próprio sabe criar. O sentimento de arrogancia, que emana da presença do poder, não teria nem coragem de lhe bater na porta. A autoridade, para ele, não passava de uma oportunidade para servir, não para mandar. Mandar, para ele, era uma contingência, a que não poderia fugir, mas que lhe não dava nenhum prazer.

Na verdade, há ditadores natos, e que talvez nunca cheguem a alcançar o poder. Às vezes não vão adiante das divisas de cabo. Ou

SBH
D4/21 (2/2)

não passem da portaria dos edifícios e dos consultórios dos médicos. O que sempre me convenceu de que o ditador, antes de ser uma função, é um temperamento, a presença de uma vaidade que se encrespa com a primeira palavra, que não seja de obediência e de adulação, e que já a recebe como vocação subversiva. O que se podia observar em Prudente de Moraes, neto, era quanto a democracia e a tolerancia se haviam infiltrado na sua personalidade, estruturando-lhe as virtudes preponderantes de seu caráter. Poucas pessoas sentiriam, tanto quanto ele, a dificuldade de dar ordens, com o receio de ferir susceptibilidades naturais. É claro que também não era homem para receber ordens, tão escrupulosamente sabia cumprir os seus deveres. O que mais desejava era que tudo caminhasse sob o domínio da razão e da inteligência, cumprindo cada qual os seus deveres, num mundo em que tudo fosse voluntário e espontaneo. E como era um homem equilibrado, sereno, tranquilo, destituído de paixões subalternas, sua autoridade acabava se exercendo de maneira incontrastável. Alcançara realmente o seu ideal, o de ser obedecido, sem dar ordens. Quando muito, se limitava a pedir. E o pedido, que dissimula ordens, tem uma eficácia ilimitada que os ditadores ignoram. Por isso, entrava nas redações, em que era chefe, apertando a mão dos porteiros. E sempre tão cheio de ternura que, nas suas relações com os amigos, preferia o abraço ao aperto de mão. Deve ter sido dos primeiros a seguir a moda dos beijos de saudação, com as criaturas do sexo oposto. O carinho era, para ele, uma necessidade, nunca uma afetação.

Enganar-se-ia, porém, quem duvidasse de sua energia e de sua capacidade de luta. Tive oportunidade de conhecê-lo nesse outro aspecto de bravura cívica, quando na presidência da Associação Brasileira de Imprensa, no caso do jornalista Herzog. O Sindicato de Jornalistas de São Paulo, sob a direção de seu intrépido presidente, Audálio Dantas, promovera a celebração de um ato ecumênico, que se realizara na catedral do Estado, com a presença do Cardeal D Evaristo Arns. Prudente de Moraes, com os seus companheiros da ABI, fez o possível para que houvesse, no Rio, uma solenidade com a mesma significação. Mas todos os seus esforços foram derrotados, pela recusa das igrejas a que se dirigiu. Tomou, então, o alvitre de promover uma sessão de homenagem no grande auditório da ABI. Não houve tempo para convites, nem mesmo para a necessária publicidade. E, não obstante, o auditório se encheu com assistentes que iam atravessando calçadas repletas de carros da polícia.

Não se havia planejado nada. Nem havia discurso escrito. Creio mesmo que Prudente de Moraes ainda não estivesse certo do que deveria fazer. Mas na hora de começar a sessão e de dar sentido à homenagem que se ia prestar à memória do jornalista sacrificado, dirigimo-nos todos para a mesa colocada no palco do auditório, Prudente de Moraes, presidente da Diretoria, eu como presidente do Conselho Administrativo, Ari Nepomuceno na qualidade de presidente do Sindicato de Jornalistas Liberais. Prudente de Morais começou a falar. Discretamente, seguro de si mesmo, sem gestos e sem veemência. Explicou o sentido daquela reunião. E convidou todos os presentes para que, em cinco minutos de silêncio, evocássemos o jornalista morto, com os sentimentos que resultassem de nossas crenças e de nossos ideais.

Todos se levantaram. Não foi só o silêncio que tomou conta do auditório. Sentia-se também a comunhão das consciências. O ambiente era decerto profano. Mas o ato que Prudente de Morais presidiu foi um ato ecumênico, em que todas as almas se uniram, numa identificação irresistível, que na verdade se completou em torno de altares que ninguém via, mas que estavam ali, presentes como nunca, para o culto da liberdade.